

Antes de qualquer observação para apresentar este livro ao leitor, é mais do que oportuna uma singela e sincera homenagem a uma de nossas mais humanas, dignas e competentes lingüistas brasileiras, internacionalmente conhecida, que aqui figura com um extraordinário trabalho que ela própria não teve a felicidade de ver publicado em vida. Refiro-me à nossa querida e saudosa colega, professora e pesquisadora exemplar, Lucia Maria Pinheiro Lobato, do Departamento de Lingüística da UnB, falecida em 30 de novembro de 2005. Sei que a organizadora deste volume, Denize Elena, me apóia integralmente na assertiva de que esta obra pode ser vista como uma homenagem póstuma a Lucia Lobato em sinal de respeito, carinho e reverência por sua dedicação ao ensino e à pesquisa lingüística no Brasil e pela qualidade excepcional de seu trabalho. Tão cedo e tão repentinamente arrancada de nosso meio físico, Lucia Lobato não só teve grande papel na Lingüística brasileira desde os anos 70 do século XX, mas também na política lingüística, culminando na posição de Presidente da Abralin no biênio anterior ao seu falecimento, período no qual muito sofreu sem deixar de cumprir com dignidade suas tarefas. O trabalho de Lucia Lobato neste volume é inédito e trata de tema muito discutido, ainda sem uma decisão, já que “a questão da influência ameríndia na formação do português do Brasil” tem recebido contribuições controversas. Esse trabalho traz luzes novas e certamente será fonte de inspiração para as investigações que sobre a questão surgirão de ora em diante. Merece registro especial a carinhosa dedicatória da autora a um outro grande lingüista brasileiro, seu colega de Departamento na UnB, Aryon Dall’Igna Rodrigues, o maior lingüista brasileiro na área de línguas indígenas. Esse gesto de Lucia Lobato, em momento tão cheio de significado, logo antes de partir, é comovente e ainda mais grandioso quando dirigido a seu mestre com a humildade da aluna que ficou sábia. Só esse pedacinho de humanidade da colega que partiu já dá grandeza suficiente à presente obra. Esta coletânea trata de temas que quase nunca vêm reunidos em um mesmo livro. Daí sua singularidade e seu interesse para além da própria qualidade intrínseca. Aqui encontramos reflexões sobre questões ligadas à atividade textual discursiva; sobre a formação da língua portuguesa e suas relações com as línguas indígenas; sobre os processos sintáticos em construções específicas, na perspectiva gerativista, e sobre a análise do discurso crítica no âmbito do ensino, da ideologia e do jornalismo, entre muitas outras. Já o título da coletânea, Língua gramática e discurso, sugere essa pluralidade de perspectivas. A coletânea é uma pequena e rica mostra de quatorze dos seiscentos trabalhos expostos no II Encontro do Grupo de Estudos Lingüísticos do Centro Oeste (Gelco), realizado em 2002 na Universidade Federal de Goiás. Selecionado, organizado e editado com peculiar cuidado e competência pela lingüista e pesquisadora da UnB, Profa. Denize Elena Garcia da Silva, conhecida dos lingüistas brasileiros de outras obras, este conjunto de textos deverá ter boa acolhida de modo especial pela conjugação de qualidade, variedade e atualidade dos trabalhos. Tal como afirmei acima, a variedade de temas desta série de trabalhos, confere-lhe um tom diferente e inovador. Dividido em quatro partes, o livro revela de modo particular a riqueza de nossos estudos lingüísticos. Muitos ainda imaginam que os encontros regionais, tal como o do Gelco, tratam de temas regionais, mas não é mais assim e aqui está a prova. Centrado na temática geral explicitada na formulação “integração lingüística, étnica e social”, o encontro do Gelco desdobrou as questões de maneira a dar uma visão panorâmica atualizada e bastante completa das linhas gerais de nossa reflexão lingüística hoje. Em certo sentido, não ficou centrado apenas em estudos voltados para a prática de ensino nem nas análises do discurso, mas fixou-se também em questões sintáticas e históricas da língua portuguesa. Como se sabe, a lingüística no mundo todo está assumindo hoje um sem-número de orientações e não se dispõe mais de uma tendência hegemônica como ocorria há algumas décadas. A percepção de que o fenômeno lingüístico é suficientemente complexo para caber em visões teóricas monolíticas já é bastante consensual na comunidade acadêmica da área. Essa convivência da diversidade teórica e analítica é o que se observa na leitura dos textos aqui apresentados. A primeira parte contém cinco estudos de caráter histórico-sistemático, seja da lingüística textual que tem hoje uma grande presença na Lingüística brasileira ou das línguas indígenas de extrema relevância social e histórica, sem faltar a perspectiva crítica do ensino. A lingüística textual, hoje em sua quarta geração, é uma via que sedimentou boa parte das práticas que incentivaram a renovação do próprio ensino de língua. Já os estudos de línguas indígenas enfocam a formação da língua portuguesa e o ensino das línguas indígenas. Quanto a isso, é preocupante constatar que, se na época do descobrimento do Brasil falavam-se quase 1.500 línguas indígenas no Brasil, hoje elas não chegam a duzentas, sendo que pouco mais de cinqüenta foram descritas. Mais preocupante ainda é o fato de apenas sete línguas indígenas terem mais de dez mil falantes e um terço delas não contarem sequer com cem falantes. É escusado dizer que quando morre o último falante extingue-se a língua. Não é necessário chegar a esse ponto para sensibilizar nossas autoridades para a urgência de estudos nesta área. Uma segunda parte consta de três trabalhos na linha gerativa, também de preocupação sistemática. Além de um trato das questões diacrônicas e de problemas sintáticos, os autores ocupam-se de mostrar as diferenças e semelhanças entre o Português do Brasil e o Português de Portugal. É interessante notar que tanto esses estudos, como muitos outros que se fazem hoje no Brasil nessa perspectiva, apontam diferenças cada vez mais acentuadas entre as duas variantes. Talvez aí esteja um dos futuros núcleos dos estudos históricos e sistemáticos do Português na Lingüística brasileira. Já uma terceira parte, com três trabalhos que prosseguem também na quarta parte, com outros três,

dedica-se a questões no contexto do ensino, da política, do jornalismo e da literatura com base na perspectiva da Análise de Discurso Crítica. Até alguns anos atrás, dominava quase que absoluta entre nós a Análise do Discurso Francesa, embora sem uma unidade teórica. Hoje o panorama mudou e esses trabalhos mostram a influência e a presença de uma nova vertente teórica nos estudos discursivos no Brasil. A linha de base crítica e influência particularmente inglesa vem-se impondo com força crescente. Uma tal renovação nos estudos lingüísticos é saudável e deve ser vista com bons olhos. Na realidade, esta obra mostra com ênfase e a partir de vários jovens autores que a Lingüística brasileira está-se renovando, diversificando, amadurecendo e tomando rumos mais sólidos. Parece-me auspicioso que os produtos de encontros regionais (que cada vez mais assumem caráter nacional) estejam-se tornando progressivamente mais consistentes e encorajadores. Saúdo, pois, a editora desta coletânea, Denize Elena, bem como os autores aqui lançados, tanto pela seriedade das abordagens como pela harmoniosa convivência teórica que apenas enriquece e mostra como o diálogo é produtivo e, por isso mesmo, cada vez mais urgente. Quem ganha com isto é o leitor que aqui tem muito com que concordar, e algo do que discordar, mas, sobretudo, muitíssimo a aprender. A todos, desejo uma boa leitura e máximo proveito.

Luiz Antônio Marcuschi Recife, fevereiro de 2006